

Os livros das Partilhas de Reflexões sobre as Artes, as Lutas, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas como arquivos vivos¹

Márcio Soares dos Santos, UFPB, Paraíba²

Robson Xavier da Costa, UFPB, Paraíba³

Palavras-chave: Conceição das Crioulas, Etnografia de Arquivos, Livros, Descolonial

Introdução

O Quilombo de Conceição das Crioulas, localizado no município de Salgueiro, em Pernambuco, tem sua trajetória de existência marcada por muito sofrimento, várias formas de repressão, violência, exclusão e omissão da sua história. Mas a coragem e a resistência deste povo, principalmente, das mulheres, fizeram com que essa história não fosse “apagada”, mas sim transmitida e fortalecida. Desde 2017 que Conceição das Crioulas recebe o encontro Partilhas de Reflexões sobre as Artes, as Lutas, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas que se encaminha para seu 4º encontro que será em 2027. O primeiro aconteceu em 2017, o segundo em 2019 e o terceiro em 2024, este último quebrou a regra dos encontros em função da pandemia que assolou o planeta e dizimou milhares de vida em 2020. Mesmo com esta pausa de três anos, o terceiro encontro aconteceu forte e determinado a fazer valer todo o seu propósito de acontecer, retomando suas pautas e princípios estabelecidos desde o primeiro encontro: romper com estruturas epistemológicas coloniais e construir um novo caminho

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

² Filósofo (UFPE), Atuário (UFPB), graduando em Antropologia (UNIASSELVI) e Mestrando em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA)/Universidade Federal da Paraíba; João Pessoa, Paraíba, Brasil; Membro do Grupo de Pesquisas - Artes, Museu e Inclusão (AMI/PPGAV/UFPB) e membro do GEC/PPGA/UFPB. Pesquisador de estudos populacionais e associado a ABEP. E-mail: professormarcio28@gmail.com.

³ Artista Visual, Curador, Arte/Educador, Museólogo e Arteterapeuta. Docente do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB-UFPE). Líder do Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão (AMI/UFPB/CNPq). Coordenador do Laboratório de Artes Visuais Aplicadas e Integrativas (LAVAIS UFPB). Pós-Doutor em Estética e História da Arte (PGEHA MAC USP – bolsista sanduíche da Fundación Carolina, na Universidad de Granada, Espanha); Doutor em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU UFRN - bolsista sanduíche Erasmus Mundus da União Europeia, na UMinho, Portugal). Mestre em História (PPGH UFPB). Especialista em Educação Especial (CE UFPB); em Educação e TICs (CE UFPB); em Sociologia (CEFET e CE UFPB); com formação em Arteterapia (Clínica Pomar RJ). Bacharel em Museologia (UNIASSELVI - COREM 1R 0702-I) e Licenciado em Educação Artística - Artes Plásticas (UFPB). Membro da AICA, ABCA, ANPAP e COREM 1R. Pós-Graduando em Curadoria, Museologia e Gestão de Exposições (ESTÁCIO). E-mail: robsonxavierufpb@gmail.com.

epistemológico baseado na aprendizagem de muitos saberes, na educação Crioula e nos exemplos de vida e de lutas do povo quilombola.

Após cada encontro foram lançados livros, com o mesmo nome dos encontros, contando as experiências vividas pelos participantes que vieram de fora em conjunto com as experiências dos participantes quilombolas, a partir de suas atividades (oficinas) os textos foram construídos e elaborados, buscando manter a importância da ruptura epistemológica com o pensamento hegemônico e acadêmico tradicional e voltando-se para práxis local, das experiências e da vida quilombola como sinal de existência e resistência. Este estudo se propõe a discutir como os livros de partilhas de reflexões representam esta nova forma de construir conhecimentos, partindo das vozes dos autores como forma de compreender as experiências e vivências enquanto estratégias de resistência e a partir de um exercício etnográfico dessas produções traçar um caminho metodológico à luz da antropologia participativa.

Com um método etnográfico voltado para o arquivo, no caso, para os livros, a nossa imersão nas leituras enquanto leitores e participantes dos encontros nos torna não apenas como meros leitores, mas também, como participantes de todo o processo de experiências e construção dos livros a cada encontro nas terras de Conceição das Crioulas. Leituras essas, pautadas por discursos não hegemônicos e descoloniais. Cabendo ao exercício etnográfico aqui empregado ouvir as vozes desses autores que afirmam e conformam com suas práticas e as práticas realizadas nos encontros em parcerias com quilombolas e instituições de ensino que não é apenas uma forma de pensar diferente, mas sim, uma práxis epistemológica crioula que rompe com o pensamento tradicional e colonial para dar vez a construção de saberes a partir da experiência de vida, de trocas de saberes e ao fortalecimento das lutas e conquistas quilombolas.

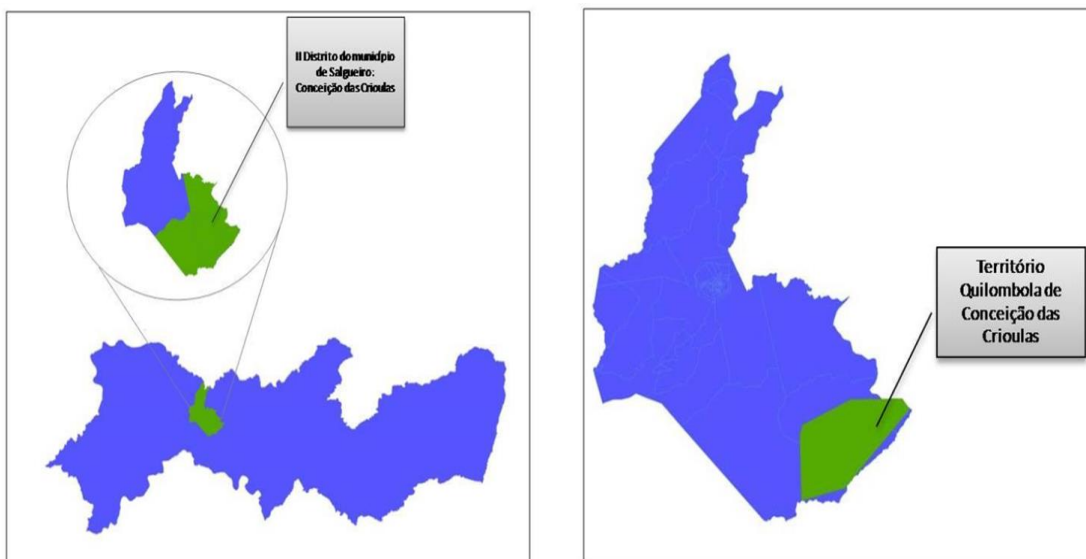
A Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas

Localizada no 2º distrito do município de Salgueiro, sertão de Pernambuco, a aproximadamente 550 km da capital Recife, a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas é uma comunidade ímpar, com características peculiares que só é possível identificá-las, estando lá.

Nascimento (2017, p.24) explica que Salgueiro é um município com uma população aproximada de 60 mil habitantes e faz parte do Sertão Central Pernambucano, conforme Figura 1, com clima quente (semiárido), com temperaturas chegando em média a 25° C, com um relevo apresentando variações entre plano e montanhoso. Tendo relevo

e clima variados fazem com que essa região seja caracterizada tanto por áreas de sequeiro, com chuvas escassas e mal distribuídas, com uma vegetação xerófita e rios temporários, como por áreas de altitude com temperatura amena.

Figura 1: Município de Salgueiro, no Sertão Central do Estado de Pernambuco



Fonte: Elaborado por Marcus Fernandes a partir das informações disponibilizadas no site do IBGE sobre a malha censitária de 2010, utilizando o software TerraView. O espaço ocupado pelo município de Salgueiro no estado de Pernambuco encontra-se em Verde. Adaptado pelos autores, maio de 2025.

O território quilombola compreende exatamente 16.865,0678 hectares do município. É composto por 30 núcleos rurais, denominados de sítios e duas vilas, a Vila União e a Vila Centro, sendo esta última o principal espaço de povoação, com uma estrutura física composta de: posto de saúde, biblioteca, centro digital com internet, a Associação Quilombola Conceição das Crioulas (AQCC), posto dos Correios, uma quadra de futsal, a igreja de Nossa Senhora da Conceição, símbolo da promessa, a Casa da Comunidade Francisca Ferreira e três escolas (Nascimento, 2018, p.23).

Nesse território foram demarcadas pelo Sistema Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) cerca de 30 fazendas, sendo a maioria delas obtidas por invasores que se utilizaram de relações de compadrio e através de compras ilegítimas. Desse total, antes dos processos de desintrusão acontecerem, com a entrega de títulos definitivos, tinha-se um percentual muito baixo de áreas que ficavam em regiões de pedregulho, nas encostas de serras e serrotes, sendo ineficazes para a agricultura. De acordo com Nascimento (2017, p.25) foram diversos contextos de lutas pela desintrusão do território, especialmente, a partir de 2000. Porém, foi a partir de 2012, depois de mais

de 10 anos do título expedido pela Fundação Cultural Palmares, é que saiu o primeiro título de posse entregue à comunidade.

Desse momento em diante, esse cenário vem mudando gradativamente, tendo já registrado um número de sete fazendas desintrusadas, fruto da luta constante dos quilombolas. Ainda explica Nascimento (2017, p.26) que nos anos 1980, com a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB) de 1988, que trouxe a tona o movimento de reconquista do território, os/as quilombolas de Conceição das Crioulas conseguem o reconhecimento de uma área de aproximadamente de 17 mil hectares como ‘remanescente de quilombo’, assim como também, sua titulação. Assim, reverencia-se até os dias atuais a luta, principalmente, das crioulas pela terra desde suas chegadas, lutas estas, que perpassam a história da região desde muito tempo.

Um dos acontecimentos marcantes na memória da comunidade é a chamada “Guerra dos Uriás”, quando os quilombolas expulsaram uma família que havia se apropriado ilegalmente de suas terras. Outra referência de resistência foi Agostinha Cabocla, guardiã da escritura das terras das crioulas, que lutou ao lado de Antônio Adrelino (Totô), Luiz Simão e outros moradores e moradoras para defender os direitos da comunidade contra os invasores de suas terras (Carvalho, 2016, p.6).

Segundo Carvalho (2016, p.3) trata-se de uma comunidade com mais de 200 anos de história, fundada por seis ‘crioulas’ que chegaram livres à região entre fins do século XVIII e início do século XIX. Elas arrendaram uma área de 3 léguas em quadra, paga por meio de trabalho na lavoura e na fiação de algodão, que era vendido em cidades vizinhas. Por esta razão que o quilombo recebeu o nome de Conceição das Crioulas, pois o nome ressalta a importância dessas mulheres na conquista do seu território e a devoção a Nossa Senhora da Conceição, cuja imagem pertencia a um homem chamado Francisco José, que chegou ao local juntamente com as fundadoras.

Ao chegarem à região, as seis crioulas arrendaram uma área de três léguas em quadra, onde cultivavam e fiavam algodão com o objetivo de comprar o terreno. O algodão produzido era vendido no município vizinho de Flores. Com a renda auferida, em 1802, as fundadoras adquiriram suas terras. “Não existia branco, não tinha esse problema de branco [...] dizem que [o começo da comunidade] foi as crioulas, não é crioulo, é crioulas”, enfatiza Seu Virgínio Vicente. “Arrendaram este terreno aqui, um quadro, e foram pagando a renda, fiavam uma lâzinha de algodão, aquelas bolazinhas, e foram vender em Flores. (...) até que venceu esse tempo e ficaram donas.” (Carvalho, 2016, p.5).

Ainda hoje, ao perguntarmos sobre as origens do quilombo, essa é a versão oficial (chegada das crioulas). Todavia, de onde elas vieram ainda é cercado de muitas imprecisões. Algumas referências indicam que elas teriam partido de um lugar chamado Pannels ou Pannels d’Água. Outras referências, apesar de não indicarem sua origem,

afirmam que elas vieram em companhia de outros negros fugidos da escravidão. E apesar de diferentes versões, é unânime entre as pessoas, com quem falamos, que as fundadoras não chegaram como escravizadas.

A comunidade tem um forte laço com as origens do quilombo, um elemento essencial e que ocupa lugar central em toda a vida e dinâmica dos quilombolas. Ao chegarmos lá pela primeira vez tivemos a oportunidade de sentir e vivenciar por uma semana essa força, presente, fortemente, nas mulheres de Conceição das Crioulas. Nascimento (2020, p.32) destaca que o vigor das mulheres crioulas e a história de muitas delas marcou e marca a resistência do povo de Conceição das Crioulas. Sejam estas mulheres guardiãs do documento da terra; sejam elas companheiras dos homens nos momentos de guerra ou ainda enquanto transmissoras de costumes, crenças e tradições, essas mulheres são relevantes para o fortalecimento da cultura e da identidade quilombola. E como consequência, a educação em Conceição de Crioulas desponta como pioneira e como uma das mais fortes ferramentas contra o sistema de educação tradicional, desconstruindo ao longo da sua história conceitos e concepções colonizadoras impostas a anos.

Para nossa comunidade a escola é importante para reafirmar nossa história, nossa cultura, valorizar nossa organização e nossa identidade étnica, fortalecer nossos conhecimentos próprios e o cuidado com o nosso território e com a Natureza. Entendemos que a partir dos conhecimentos das pessoas mais velhas da comunidade e da história de luta e resistência do povo de Conceição das Crioulas é possível descolonizar as mentes e as práticas, reavivando os valores presentes no modo de viver em coletividade.[...] É importante também que a escola ensine a ler, escrever, contar e interpretar bem, de forma que esse tipo de conhecimentos possa contribuir para o empoderamento dos alunos e alunas no enfrentamento de todas as formas de injustiças e que, sobretudo, fortaleça o projeto de vida coletiva das pessoas que vivem nesse território. (PPP das Escolas do Território Quilombola de Conceição das Crioulas, 2014/2015).

E é justamente entre esta dicotomia entre o que é tradicional, acadêmico, europeu e o que é quilombola, afro, negro que nos encontramos participando do encontro *As Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*. Buscando entender, primeiramente, como seria este encontro, como se desenrolaria e como nos comportaríamos durante os dias que passaríamos no quilombo. De fato, uma certeza tínhamos: seria uma semana de desconstrução e construção, de aprendizados mútuos, de afetos e abraços, sorrisos e olhares, encontros e reencontros, ou seja, momentos de descolonização material e epistemológica.

A partilha de reflexões sobre as Artes, saberes e sabores como instrumentos de ‘Luta’: dos encontros aos livros

A ideia de realizar o primeiro encontro com as artes, a luta, os saberes e os sabores, surge na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, como uma possibilidade de integrar em um mesmo ambiente saberes acadêmicos com outros saberes produzidos em outros contextos, partindo de outras visões de mundo, onde as hierarquias produzidas historicamente podem ser minimizadas (Silva, 2017, p.12)⁴.

A tentativa de juntar os saberes acadêmicos e não acadêmicos produziu um ambiente de aprendizagens mútuas e, óbvio, em alguns momentos, tensões e desconfortos ocorreram dos dois lados (comunidade acadêmica e comunidade quilombola). Porém, apenas a possibilidade do encontro, onde o protagonismo não se revela pela estrutura, e sim pelos conhecimentos em si, já produziu sua própria pedagogia (Silva, 2017, p.12).

A união de todos esses saberes fecundou esse terreno diverso e específico, individual e singular, coletivo, local e global no qual aconteceu o primeiro encontro com as artes, a luta, os saberes e os sabores. O encontro aconteceu em julho de 2017, por nove dias, acontecendo em diversas partes do quilombo e contando com diversas instituições (UFPE, UFPB, IFPE, URCA, Universidade do Porto, Universidade de Cabo Verde etc.). O encontro aconteceu da seguinte forma: durante a sua realização um conjunto de oficinas aconteceram simultaneamente, além de outras que foram sendo elaboradas ou reorganizadas durante a semana. Para Silva (2017, p.16) o encontro cumpriu seu papel, atividades foram cumpridas e suas próprias pedagogias foram construídas, promovendo um saldo de uma riqueza indescritível. Assim, o encontro se tornou um espaço possível de produzir e mediar, não apenas as trocas de saberes, aprendizagens coletivas, experimentos, convivências, mas, sobretudo, ampliar parcerias, pensar as novas formas de formular e compartilhar conhecimentos. E desta forma, o desvelar do que realmente acontece em uma comunidade quilombola, suas tensões, fez do primeiro encontro com as artes, as lutas, os saberes e os sabores um espaço promissor e capaz de continuar como um investimento intelectual de acadêmicos e não acadêmicos na busca de um diálogo que

⁴ O encontro lançou as sementes e coube a comunidade alimentar-se de todas as discussões qualificadas, das avaliações permanentes e dos planejamentos no intuito de adquirirem uma certa práxis, ou um exercício de práxis, no qual permitirá enxergar o encontro enquanto uma experiência multidisciplinar, ou seja, um espaço que possibilita diálogos entre a academia e as comunidades quilombolas, buscando caminhos menos desconexos e menos hierarquizados entre as teorias e as práticas. Assim, para a comunidade os frutos desta experiência se concretizaram através das práticas realizadas pós encontro, na própria comunidade, com todas as complexidades que existem em volta.

reconheça a existência das duas perspectivas de se elaborar conhecimento de forma mais horizontal.

E esta forma de se elaborar conhecimento concretizou-se no livro, como segue na Figura 2, *Partilha de Reflexões sobre as artes, a luta, os saberes e os sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*, publicado pelo Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade - i2ADS, da cidade do Porto, Portugal. Ele apresenta 32 textos (artigos, resenhas, ensaios poéticos e cartográficos e relatos de experiências) frutos das experiências e vivências das oficinas entre os participantes do evento.

Figura 2: Livro I - Partilha de Reflexões sobre as artes, a luta, os saberes e os sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, julho de 2017⁵.



Fonte: Elaboração dos Autores, maio de 2026.

Este primeiro encontro deu substância para o livro I, permitindo a todos vivenciar a força da comunidade, o seu discernimento perante os desafios que sabe ter de enfrentar. Para Paiva (2017, p.50) essa foi uma questão central, pois permitiu a todos os cerca de 200 participantes, deslocados das várias universidades (vários Estados do Brasil, Cabo Verde e Portugal), e de comunidades vizinhas, estudantes, professores, artistas, artesãos, e lideranças de outra comunidade próxima (Águas do Velho Chico - Orocó-PE). Possibilidades foram criadas para se experienciar um tempo, que foi tempo de silêncio, espaço para cada um poder sair dos ruídos que o povoam, afastar-se dos ódios. E com isso, nos possibilitou perceber a dificuldade que encontramos quando chegamos lá, ‘nós’, herdeiros da cultura ocidental e universitária, tivemos que transpor nossos limites de

⁵ Primeiro Livro - julho/2017 - <https://i2ads.up.pt/wp-content/uploads/2021/07/cqcc-livro1.pdf>.

conforto e nos entregar plenamente à escuta e à aprendizagem oferecida, sem querer, ainda por uma boa causa, transferir para os outros, nossos modos de ver e de saber (Paiva, 2017, p.51).

Dois anos depois do primeiro encontro, em 2019, acontece o II encontro, obedecendo os mesmos moldes do primeiro, todavia, a comunidade já realizara um evento deste porte e já o aguardava com muita ansiedade e com os mesmos preceitos utilizados no primeiro. Desta vez o encontro procurou corrigir os erros do primeiro e buscou atender novos objetivos e assegurar aqueles já estabelecidos pela organização do evento e que foram bem sucedidos. Uma nova proposta foi pensada pela organização, diferente da realizada no primeiro livro, este II volume, conforme Figura 3, encontra-se dividido em duas partes: a primeira composta por textos escritos por estudantes, lideranças, pesquisadores/as e professores/as quilombolas de Conceição das Crioulas. Nessa parte expressa-se as impressões, o sentir/viver/fazer do/no II encontro. Já na segunda parte, estão as contribuições, reflexões e o sentir/vivenciar dos e das que visitaram e, durante uma semana, compartilharam e trocaram saberes e sabores. Para a organização do encontro, é a junção dessas duas perspectivas – quilombola e academia que anima e ensina que é possível adquirir, trocar e compartilhar saberes, sem a hierarquia que determina o mais e o menos importante⁶.

Figura 3: Livro II - Partilha de Reflexões sobre as artes, a luta, os saberes e os sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, julho de 2019



Fonte: Elaboração dos autores, maio de 2026.

⁶ Segundo Livro: https://i2ads.up.pt/wp-content/uploads/2021/02/livro-II-2020_F_web.pdf

Rodrigues (2020, p.10) explica que as inúmeras experiências vivenciadas na/pela comunidade de Conceição das Crioulas fizeram com que esta passasse a entender e defender diálogos não hierarquizados entre as universidades e as comunidades tradicionais. Isso porque, acredita-se ser possível transformar a ideia de competitividade em princípios de complementaridade recíproca. E esta é uma marca constante em todo o segundo livro, no qual não só as vozes da comunidade, mas sua integração com as demais vozes, unindo-se a elas como parceiras e com o mesmo status.

Seguindo a ideologia do I Encontro, o II objetivou possibilitar novas parcerias, aproximar e/ou reaproximar a comunidade aos parceiros e parceiras já existentes e divulgar a causa quilombola, nossas lutas e nossa resistência. Confirmando que os objetivos determinados por quem o idealizou, organizou e realizou foram alcançados (Rodrigues, 2020, p.12).

Não há reverências a um conhecimento superior, mas troca entre saberes. Por isso que o II encontro foi pensado e organizado para investigadoras e investigadores, professoras e professores, estudantes universitários que entendem a necessidade da descolonização do conhecimento e que estão envolvidos ou que tem interesses em compreender e/ou ingressarem-se na luta contra a discriminação e as desigualdades. É importante destacar que este volume se apresenta de forma a percebermos não só as experiências do povo quilombola, mas também, as experiências de quem chegou para participar e realmente vivenciou/experenciou o jeito quilombola de Conceição das Crioulas de ser. Por esta razão ao lermos este segundo livro fica evidente a força da comunidade frente ao poder da discriminação e das desigualdades que tentam desconsiderar, invisibilizar toda história de luta e resistência do povo negro (quilombola) e que se fortalece ainda mais no próximo encontro que acontecerá em 2021.

Ao passar de dois anos, infelizmente, o III encontro não ocorreu devido ao período de pandemia causado pelo devastador vírus da COVID-19 que chegou ao Brasil em 2019 e nos aterrorizou e nos fez um povo jamais visto. “Nos impediu de visitar umas às outras, de nos despedir dos que ancestralizavam, de visitar os que nasciam, de ir às missas, às novenas, às festas, de visitar os que adoeciam e de nos juntar para conversar sobre nossas vidas”, relata Givânia, uma das organizadoras do evento. De acordo com Silva (2023, p.11) alguns quilombolas que participaram dos encontros anteriores não resistiram ao vírus, dentre elas, o quilombola Andreilino Antonio Mendes, conhecido como André Negão ou ainda tio André, que foi homenageado no III encontro e teve sua foto como imagem deste encontro, como se observa na Figura 4. Para a comunidade, foi difícil

perdê-lo e mais difícil ainda não ter podido se despedir, como era de costume, quando morre um membro da comunidade⁷.

Figura 4: Livro III - Partilha de Reflexões sobre as artes, a luta, os saberes e os sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, julho de 2023



Fonte: Elaboração dos autores, maio de 2026.

Este terceiro livro traz uma característica diferenciada em relação aos anteriores, a pandemia trouxe além das inúmeras perdas de vidas, inclusive, quilombolas, um enfrentamento muito maior, que foi ter o direito e o acesso às vacinas. Um direito que foi negado pelo governo anterior, na época, o país era dirigido pelo presidente Jair Bolsonaro, que se negou a comprar vacinas para o país e com isso permitiu que milhares de pessoas perdessem suas vidas no ano de 2019, pico da doença no país. Os quilombolas, segundo Silva (2023, p.11) tiveram que recorrer ao Supremo Tribunal Federal do Brasil – STF, por meio de uma Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental – ADPF de nº 742/2020, apresentada pela Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas – CONAQ para assegurar que a vacina chegasse aos quilombolas, pois já se visualizava que o desgoverno de Jair Bolsonaro causava danos à saúde, à educação e demais políticas públicas, sobretudo, no que se refere aos direitos quilombolas, dos povos indígenas, das mulheres e da população que vive nas periferias. E assim os quilombolas só puderam acessar o direito básico de serem vacinados, por decisão do STF.

⁷ Terceiro Livro - https://i2ads.up.pt/wp-content/uploads/2025/09/AQCC_livro3_web_single.pdf

Diante deste contexto de luto, de dor, de saudades, o III terceiro encontro chegou com a força da esperança, sendo celebrado por vários motivos: o aumento das comunidades e pessoas quilombolas participando na condição de ouvintes e como atores e atrizes; a quantidade de estados presentes e instituições de ensino superior; o número de oficinas e os temas que nelas foram abordados; a participação de quilombolas e aquilombados que estavam coordenando políticas no governo federal; os novos desenhos de políticas públicas; sobretudo na área de educação e na reestruturação do país; e a recuperação de órgãos importantes que haviam sido destruídos no governo de Bolsonaro. Assim, o III Livro nos chega também de forma semelhante ao II, mantendo as duas divisões: uma primeira parte com textos internos, elaborados por membros da comunidade, trazendo as experiências das oficinas oferecidas por eles e todos os seus saberes, já na segunda parte, os ternos externos, encontram-se aqueles elaborados pelos oficinairos que estiveram participando e contribuindo na comunidade com suas oficinas.

O livro três possui uma carga emotiva muito profunda e uma poética marcada pelas memórias daqueles que se foram durante a pandemia, porém, não perde o foco comum aos três livros que é a defesa incondicional da democracia, o combate ao racismo e a luta permanente por uma educação de qualidade e antirracista. Esta é a essência dos encontros e consequentemente, também, dos livros elaborados a partir das experiências/vivências de todos nós, participantes e atuantes deste propósito comum: repensar nossos saberes acadêmicos e dar protagonismo aos saberes ancestrais e tradicionais, promovendo uma virada epistemológica.

A Partilha de Reflexões sobre as artes, a luta, os saberes e os sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas: um novo caminho epistemológico

Para o entendimento das obras aqui analisadas se faz necessário entender algumas categorias que aqui são centrais na análise dos livros. Partindo de uma perspectiva etnográfica evidenciam-se que a colonialidade do saber, que faz presente em todos os livros, sendo sempre apontada pelos autores como sendo um conjunto de hierarquias, normas e valores impostos pela lógica ocidental moderna, que classifica saberes como “válidos” ou “inválidos”, colocando o conhecimento acadêmico hegemônico em posição superior e marginalizando saberes tradicionais, ancestrais e de comunidades negras e quilombolas.

As raízes do racismo e do epistemicídio no Brasil estão profundamente entrelaçadas e têm sua origem em dois eventos historicamente

marcados pela violência e pela opressão: o colonialismo e a escravização. Estes desempenharam um papel central na exclusão sistemática da população negra e na disseminação de um ideário racista que persiste até hoje. Aqui, a discussão se dá a partir da colonialidade do saber, que se refere à imposição de um modelo eurocêntrico de conhecimento que deslegitima e apaga outras formas de saber. A modernidade ocidental não apenas colonizou territórios, mas também moldou as formas de pensar, sentir e interpretar o mundo. Essa lógica de dominação epistêmica faz referência ao silenciamento, à mortificação e à marginalização dos saberes africanos, ameríndios e quilombolas, negando-lhes reconhecimento e espaço na produção do conhecimento (Mignolo, 2017, p.4).

A experiência em Conceição das Crioulas nos possibilitou observar e constatar que a comunidade está consolidada em uma área rural do sertão pernambucano, buscando estabelecer um espaço de autonomia e resistência frente à opressão colonial e escravocrata. Nesse contexto, é fundamental compreender que as comunidades quilombolas não são apenas territórios de sobrevivência, mas são espaços de reinvenção política, cultural e epistemológica situados. A luta quilombola pela terra e pela permanência no território, a preservação dos saberes ancestrais e a construção de modos de vida autônomos nos espaços rurais (ou nos espaços urbanos, em menor grau), configuram-se como formas de enfrentamento à “colonialidade do poder”, conceito este formulado por Aníbal Quijano (2005, p.118), que evidencia a persistência das hierarquias raciais, sociais e econômicas forjadas pelo colonialismo e mantidas nas estruturas contemporâneas. As publicações de *Partilha de Reflexões sobre as artes, a luta, os saberes e os sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas* ressignificam a concepção epistemológica colonialista e a reescreve a partir dos textos trazidos nas três edições que já foram lançadas e já se organizam para o lançamento do livro IV no próximo encontro em 2027.

O primeiro livro, por ser o início dessa jornada, surge de forma modesta ainda em formação, com muita força e como as mulheres quilombolas falavam “chegou chegando”, dizendo para que veio: estamos aqui em Conceição das Crioulas para aprender a desaprender (Mignolo, 2008, p.290). Por isso Givânia, em seu artigo “***Em busca de outras formas de construir conhecimentos***” já inicia o livro destacando o propósito deste primeiro encontro:

Sabemos que a academia foi pensada para um modelo de construção de conhecimento, que tem como princípio a hierarquização dos saberes, onde um saber se sobrepõe ao outro. O exercício de encontrar as artes, a luta, os saberes e os sabores, caminhou na direção contrária. Os saberes que ali circularam não estavam colocados na perspectiva da hierarquização e sim da complementaridade, onde os lugares e valores

de cada um/uma não precisavam competir e, sim, foram durante esse momento se complementando (Silva, 2019, p.15).

Fica evidente que ao longo das páginas as leituras nos levam a observar que a ideia central é nos proporcionar a fazer um movimento de cunho estrutural em nossas instituições de ensino, no intuito de promover outros jeitos de pensar/repensar o mundo. Com isso propõe-se um novo caminho, o qual nos leva a encontrar pistas para um novo diálogo (academia e comunidades quilombolas), construindo desta forma outros espaços de formação que levam em conta outras abordagens metodológicas e outras epistemologias. Por outro lado, não é fácil percorrer este caminho, é o que escreve José Carlos de Paiva, em seu texto *“Esforço de aprendizagem com as experiências vivenciadas com a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, Brasil-PE”*, neste Paiva deixa claro que existe uma dificuldade, em todos aqueles que se dizem herdeiros da cultura ocidental e universitária, eles não conseguem com facilidade deslocar-se, transpor-se de seu lugar de conforto para se entregar plenamente à escuta e à aprendizagem oferecida. Com isso, adentrando-se nas leituras encontramos como se concretiza este caminho na experiência quilombola de Conceição das Crioulas: na educação, na ‘Pedagogia Crioula’.

Georgina Helena nos diz em *“Conceição de Crioulas: fascínio, encontro, saber e potência para (re) existir!”* que a educação escolar em Conceição, se constitui de práticas de fazer e saber, partindo ciências, filosofias, tecnologias, enfim, instrumentais éticos e estéticos fundamentais para a vida e prosperidade não apenas dos quilombos mas de uma sociedade cujo paradigma educacional inspirada em moldes ocidentais revela e já revelou, sinais reconhecidos de insuficiência ou, talvez, de sua falência. Por isso que em Conceição sua escolarização é reconhecida por ser àquela que propícia à escola e a comunidade não serem territórios estanques, mas sim, um espaço em que a própria presença e especificidades das produções desses sujeitos provocam questionamentos às concepções epistemológicas e procedimentos metodológicos de cunho acadêmicos e eurocêntricos.

Esse contexto educacional de Conceição das Crioulas é notável, uma dinâmica de aprender-ensinando, ampliando, agrupando e transformando a todos que lá habitam e àqueles que lá chegam. É assim que o segundo livro se inicia, Maria Diva deixa claro em sua exposição, *“Pelas artes, Conceição das Crioulas e universidades se unem contra a hierarquização de saberes”*, que o interesse principal das vozes quilombolas de

Conceição é gradativamente, fazer ecoar as vozes quilombolas, desconstruindo preconceitos, reconstruindo a história, e, evidenciando a luta e resistência.

Objetivando superar esse grandioso obstáculo, passamos a anunciar em diversos espaços da sociedade, a necessidade e a importância de também sermos escutados. Portanto, com a intenção de alcançar esse objetivo utilizamos diferentes estratégias para demonstrar que a partir da aproximação existente entre as escolas e a comunidade, é possível que questões, saberes e conhecimentos do nosso povo, façam parte de muitas das ações pedagógicas vivenciadas por nossos professores e professoras. E que, é possível também, que em várias situações, o que ensinamos aprendemos nas escolas sejam transformados em instrumentos para construção de novos conceitos acerca das trajetórias de lutas históricas do povo negro e em especial do povo quilombola. Bem como, para fortalecer as nossas lutas: as que já são seculares, também as contemporâneas. Sendo isso fundamental para a valorização da sabedoria e da cultura ancestral (Rodrigues, 2019, p.9).

Uma educação diferenciada, dita por eles, uma pedagogia Crioula a qual, segundo Nascimento (2017, p. 45), tem práticas e princípios educacionais próprios e que foram se construindo a partir de uma teoria coletiva. Trata-se de uma proposta fundamentada na história, na luta e nos saberes da comunidade. Esta forma pedagógica tem como princípios os sete eixos do Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas do território de Conceição das Crioulas. São eles: Território, História, Identidade, Organização, Saberes e Conhecimentos Próprios⁸. Esta se torna uma referência fundamental neste segundo livro a presença marcante dos saberes locais, das experiências e vivências dos (das) quilombolas, como deixa claro Simone Oliveira quando escreve "*O que me passou, me tocou, me aconteceu em Conceição das Crioulas...*"

Pensar na experiência vivida neste lugar é entender o que me passou, o que me tocou, o que me aconteceu ao ter o privilégio de estar uma semana na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Viver, respirar, comer, andar, banhar-se, dormir, acordar, sonhar, sorrir, chorar, compartilhar os modos de ser, os saberes, os sabores, as forças, as fraquezas, as dores e os amores da (o)s que lutam e resistem nesse recorte geográfico, temporal e real do sertão pernambucano é no mínimo uma experiência transformadora, mas é, sobretudo uma experiência profundamente amorosa (Oliveira, 2020, p.35).

Para Castro (2019, p.30) há um compromisso com o viver a experiência em toda a sua plenitude, estando de fato presente, em todos os sentidos, na partilha do que fora vivido e agora é reinventado ao ser contado em palavras ditas e escritas e se torna estratégias de luta nos depoimentos, servindo de estímulos para os jovens da comunidade.

⁸ Esses temas são de grande relevância para a estruturação de uma pedagogia que reúna elementos que venham reforçar a concepção de uma escola pensada para além de ler e escrever.

E a própria comunidade pode vivenciar estas estratégias a partir de experiências artísticas que permitiram reviver memórias ancestrais como forma de (re) existências, como se lê em *Cores da Terra: Arte relacional em deriva na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas - PE*, texto elaborado pelo grupo da UFPB (Robson, Guto, Márcio e Renato) no qual enfatizam na partilha das experiências de lutas, a singularidade da resiliência da comunidade diante das adversidades, a consciência coletiva, os modos de resistências vivenciados e os avanços alcançados pelas várias gerações da comunidade. E desta forma, esse exercício constatou que conhecimento se faz na partilha, para além dos bancos das academias, sujando os pés de terra, sentindo o calor do sol na pele, conversando, respeitando saberes e por fim trocando informações.

Quando lemos “*Projetos de extensão universitária x Quilombolas em ação para construção de conhecimentos científicos antirracistas e para além do epistemicídio acadêmico*”, escrito por uma das equipes (Auxiliadora, Flávio e Clara), vinda da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), entendemos que este projeto pedagógico vai além das escolas. Eles enfatizam em suas argumentações que a luta para construir uma consciência de si, através das experiências vividas nos dá a oportunidade de perceber que, considerando as especificidades de cada experiência, é no coletivo que se iniciam as trajetórias de luta, resistência e conquistas de espaço no contexto das africanidades e afrodescendências.

É necessário a inclusão no campo científico, de novos sentidos, significados e ressignificações do conceito de afroempreendedorismo, saindo do lugar estabelecido a partir das construções eurocêtricas e brancocêtricas para um contexto que tenha como origem as bases históricas e experiências de vida do povo negro, nesse caso específico, no Quilombo de Conceição das Crioulas (Silva, Silva, Silva, 2020, p.91)

As vozes dos autores vão se conectando no fio condutor que segundo Mignolo (2008, p.290) busca sair da geopolítica de Estado que basea-se no conhecimento fundamento na história imperial do Ocidente para uma epistemologia voltada para uma geopolítica de Estado que fundamenta seu conhecimento a partir de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos e econômicos, subjetividades etc., que foram racializadas, ou seja, que tiveram, obviamente, sua humanidade negada.

Com esta força, determinação e compromisso com o encontro em Conceição da Crioulas, o terceiro livro chega. Com a mesma postura, celebrando o retorno, pós-pandemia e lamentando as inúmeras vidas perdidas, contudo a esperança se faz presente

em todo o livro, carregada pelas experiências de quem veio de longe e daqueles que continuam na comunidade, levando este intenso e magnífico trabalho.

Hiego Moisés em seu artigo, *Centro de Memória: resistência e protagonismo quilombola de Conceição das Crioulas na luta contra o racismo* abre este terceiro com palavras fortes e dizendo que o caminho das rupturas epistemológicas é uma (re) existência. E que acontece a partir do encontro, da partilha, da troca de saberes e sabores, dos afetos e dos abraços. Eis uma marca constante: a poética, marcada por lutas, experiências de vida e do dia a dia que foram transformadas em oficinas e contadas no livro. Textos como o de Valdeci, *“Imbuzeiro, imbu, imbuzada: saberes e sabores pelas mãos de mulheres de Crioulas”*, como o de Márcia, *“Quilombo de Conceição das Crioulas: os saberes, os sabores, e a arte do 3º Encontro”*, a narrativa afetuosa de Fabiana em *“O melhor lugar do mundo – Quilombo de Conceição das Crioulas”* e o entusiasmo de Maria Diva em *“A mobilização, a participação, as parcerias nos Encontros com as Artes, as Lutas, os Saberes e os Sabores no quilombo de Conceição das Crioulas crescem e fortalecem nossas lutas e aprendizados”*, revelam em suas linhas toda a importância de estar em Conceição das Crioulas, de realizar trocas de saberes, de provar novos sabores, de contribuir na construção de estratégias de lutas contra o racismo e o epistemicídio negro. De fato, são leituras que nos fazem sentir a experiência deste quilombo e ao mesmo tempo sentir a luta travada por esta comunidade, que hoje celebra conquistas, pois acredita e deposita na educação o caminho-chave para possibilitar mudanças.

E esta experiência é contada por Ada Maria e por Clemilda que escrevem respectivamente, *“Conceição das Crioulas, experiência de rara beleza”* e *“Um mergulho nas raízes”*, com olhar crítico sem perder o foco central da obra e com a leveza de quem vivenciou. Na prática, conforme Figura 5, o exercício de revisitar as memórias e contá-las através do imagético ficou presente nos textos da equipe da UFPB (Robson, Marcio, Vanessa e Lucas): *“Ocupa o quilombo com arte”* e *“O Lambe da Cobra Grande”*. E no ápice das narrativas das experiências, o relato da experiência de Jacileide *“Oficina de Boneca do Caruá: Um relato de experiência”* chama a atenção para o fato de que a autora se sentiu transformada em participar da oficina das bonecas de Karoá, símbolo de representatividade e resistência das mestras da Comunidade (Antônia, Francisca Ferreira, Josefa, Madrinha Lurdes, Ana Bello, Mãe Magá, Júlia, Luísa (Emília), Generosa, Lurdinha e Valdeci). E por conta disso, decidiu não escrever sobre sua oficina (dança afro-brasileira, as artes visuais e literatura negro-brasileira, para as crianças), que

foi proposta para o encontro, já que ela é professora de dança, mas decidiu escrever sobre a boneca, e sua rica experiência nesta oficina como participante.

Figura 5: Exercícios: revisitando memórias e oficina de bonecas de Karoá



Fonte: Arquivo pessoal dos autores, julho de 2019.

Neste contexto, o conjunto das três obras de *A Partilha de Reflexões sobre as artes, a luta, os saberes e os sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas* representam a resistência de uma comunidade quilombola que não teme esse sistema excludente pautado por bases colonialistas e eurocêntricos que circundam e muitas vezes se encontram no interior dos processos de construção de conhecimentos.

O epistemicídio se manifesta não apenas na imposição de uma visão distorcida e desumanizante, mas também na exclusão sistemática de formas legítimas de saber e de fazer, que são frequentemente ignoradas ou desvalorizadas pelas estruturas de poder acadêmico e social. O conhecimento tradicional, as formas de organização social, as línguas e as expressões culturais dos povos negros são frequentemente desconsiderados, resultando em uma marginalização epistemológica que reforça a subordinação desses povos ao projeto colonizador (Garcia *et al*, 2022, p.176).

A comunidade se fortalece a cada dia, sua proposta pedagógica é sólida e produz resultados duradouros na comunidade e fora dela, especialmente, de dois em dois anos quando acontecem os encontros. Desta maneira, os quilombolas de Conceição se fortalecem e permanecem firmes por uma ruptura epistemológica pautada pela partilha dos saberes e dos sabores, pela luta, pelas artes e pelo encontro.

Considerações Finais

É inegável que a busca de liberdade e a conquista das crioulas foram processos de superação dos limites físicos, geográficos, organizativos, de gênero e racial. Pensar que há quase três séculos mulheres negras, analfabetas, jamais conseguiriam dar passos tão largos, só é possível reconhecendo a capacidade de superação da população negra frente a todos os obstáculos impostos desde sua chegada ao Brasil até os dias de hoje (Silva, 2020, p.66).

Toda a preparação, organização, planejamento e execução de ações para a realização dos encontros em Conceição tem como um dos seus principais resultados, entregar a cada encontro o livro impresso das experiências dos participantes no encontro anterior. Nós, particularmente, participamos de todos, juntamente com nossas equipes que se revezaram em cada encontro. Conviver em uma comunidade quilombola, que tem escolas com professores, alunos e funcionários quilombolas, baseando-se nas premissas de uma educação quilombola, construindo saberes quilombolas e questionando uma cultura geral, uniforme e apagadora de discursos outros é uma experiência fantástica (Nascimento, 2020, p.68). É ver, ouvir e sentir que a produção de conhecimento lá, tem outras fontes. É entender que o quilombo é uma coisa tão negra, tão própria deles, tão compreensível para eles, que quando chegam os brancos, os dominadores, eles não conseguem entender.

Como resultado e consequência da proposta do encontro Partilha de Reflexões, os textos são tomados por motivações decoloniais, que segundo as proposições de Mignolo (2017, p.290) tomar a opção decolonial é tomar uma decisão epistêmica, ou seja, é desvincular-se dos fundamentos ditos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. E assim, Partilha de Reflexões sobre as Artes, as Lutas, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas é uma construção epistêmica, um novo pensar posto na prática e semeado em todos aqueles que pisam no solo quilombola das Crioulas.

Referências

CARVALHO, Maria Letícia de Alvarenga. Quilombo de Conceição das Crioulas. Belo Horizonte: FAFICH, 2016. Disponível em: < https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/conceicao_das_crioulas.pdf >.

CASTRO, Simone. O que me passou, me tocou, me aconteceu em Conceição das Crioulas... In: Partilha de reflexões sobre as artes, as lutas, os saberes e os sabores da comunidade

quilombola de Conceição das Crioulas. - Porto [Portugal]: Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto; Salgueiro - PE: Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, 2020, Livro II.

GARCIA, Camila et al. Epistemologias quilombolas e saberes ancestrais: uma abordagem decolonial a partir do quilombo Cacoal, em Moju-PA. In: Migração, Trabalho e Povos Tradicionais entre Velhas e Novas Ruralidades: Tópicos em Pesquisa Editora Científica vol I, 2025.

MIGNOLO, Walter. COLONIALIDADE: o lado mais escuro da modernidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais - RBCS, Vol. 32, nº 94, junho/2017.

_____. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

NASCIMENTO, Márcia Jucilene do. Por uma Pedagogia Crioula: Memória, Identidade e Resistência de Conceição das Crioulas – PE (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável junto a Povos e Territórios Tradicionais – MESPT, UnB), 2017.

Partilha de reflexões sobre as artes, as lutas, os saberes e os sabores da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. - Porto [Portugal]: Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto; Salgueiro - PE: Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, 2017, Livro I.

Partilha de reflexões sobre as artes, as lutas, os saberes e os sabores da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. - Porto [Portugal]: Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto; Salgueiro - PE: Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, 2020, Livro II.

Partilha de reflexões sobre as artes, as lutas, os saberes e os sabores da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. - Porto [Portugal]: Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto; Salgueiro - PE: Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, 2025, Livro III.

PAIVA, José Carlos de. Esforço de aprendizagem com as experiências vivenciadas com a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, Brasil-PE. In: Partilha de reflexões sobre as artes, as lutas, os saberes e os sabores da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. - Porto [Portugal]: Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto; Salgueiro - PE: Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, 2017.

SILVA, Givânia Maria da. Educação como processo de luta política: a experiência de "Educação Diferenciada" do território quilombola de Conceição das Crioulas. Dissertação de Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação, Universidade de Brasília, 2012.

_____. Em busca de outras formas de construir conhecimentos. In: Partilha de reflexões sobre as artes, as lutas, os saberes e os sabores da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. - Porto [Portugal]: Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto; Salgueiro - PE: Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, 2017.

_____. Quem somos nós e o que queremos. In: Partilha de reflexões sobre as artes, as lutas, os saberes e os sabores da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. - Porto [Portugal]: Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto; Salgueiro - PE: Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, 2023.

SILVA, Auxiliadora Maria; SILVA, Flavio Valdez; SILVA, Clara Martins. Projetos de extensão Universitária x Quilombolas em ação para construção de conhecimentos científicos antirracistas e para além do epistemicídio acadêmico. In: Partilha de reflexões sobre as artes, as lutas, os saberes e os sabores da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. - Porto [Portugal]: Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto; Salgueiro - PE: Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, 2020.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227-278.

RODRIGUES, Maria Diva da Silva. Pelas artes, Conceição das Crioulas e universidades se unem contra a hierarquização de saberes. In: Partilha de reflexões sobre as artes, as lutas, os saberes e os sabores da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. - Porto [Portugal]: Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto; Salgueiro - PE: Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, 2020.